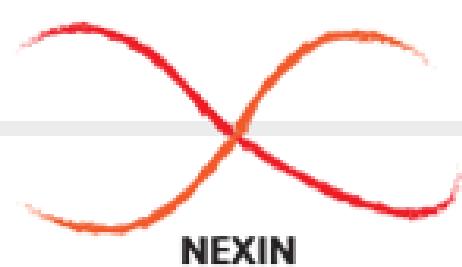


Expressões

da

Pandemia

Vol. 5



## Realização Científica

O Boletim "Expressões da Pandemia" é uma realização do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN/PUC-SP/CNPq), liderado pela Profa. Dra. Bader B. Sawaia, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM/UFAM/CNPq), liderado pelo Prof. Dr. Renan Albuquerque.

## Organizadores

Bader B. Sawaia  
Renan Albuquerque  
Flávia R. Busarello  
Juliana Berezoschi

## Editoração e Identidade Gráfica

Juliana Berezoschi

## Revisão Técnica

Renan Albuquerque

Os escritos são compilados por pessoas participantes, parceiras e apoiadoras do NEXIN e do NEPAM. A publicação será semanal durante a pandemia da covid-19.

## Dados do NEXIN

Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tem como líder a Profa. Dra. Bader B. Sawaia e atualmente está composto por discentes de mestrado, doutorado e pós-doutorado, bem como pesquisadores associados. O NEXIN é um espaço de reflexão e investigação psicossocial permanente, onde são desenvolvidos estudos sobre desigualdade social, com ênfase na servidão humana e na potência de ação emancipadora em diferentes contextos sociais e históricos brasileiros.

[www4.pucsp.br/nexin/](http://www4.pucsp.br/nexin/), [facebook.com/nucleonexin](https://facebook.com/nucleonexin), [instagram@nucleonexin](https://instagram@nucleonexin)

## Dados do NEPAM

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tem como líder o Prof. Dr. Renan Albuquerque e atualmente está composto por discentes de graduação, mestrado e doutorado, além de pesquisadores associados. O NEPAM estuda as dinâmicas e interações dos povos amazônicos em seus diferentes modos de vida no bioma tropical.

[www.facebook.com/nepam.ufam](https://www.facebook.com/nepam.ufam)

ATENÇÃO – NOTA IMPORTANTE  
BOLETIM "EXPRESSÕES DA PANDEMIA"

Prezadas e prezados leitores.

O boletim "Expressões da Pandemia", que tem sido divulgado semanalmente, passa a ser quinzenal a partir do presente número (n. 5). Nossa proposta é adensar as análises das complexidades que o espalhamento do novo coronavírus está gerando, com destaque à trama afetiva tecida no confronto entre o uso político-ideológico dos afetos e a sua força libertária, dando mais espaço para que fatos novos ocorram em meio à mesmice assustadora dos que nos governam e da força devastadora da doença, que só alimenta o medo e enfraquece a esperança.

O boletim surgiu de debates em sala de aula e nos núcleos de pesquisas NEXIN/PUC-SP e NEPAM/UFAM, e foi se adensando com a colaboração de pesquisadoras e pesquisadores comprometidos com a sociedade e a vida. Foram cinco volumes publicados, em aproximadamente 100 páginas de relatos, narrativas, poesias e reflexões. Além disso, tivemos acessos diversificados e compartilhamentos crescentes.

Assim sendo, temos certeza de que nos mantemos firmes na empreitada de continuar publicando o "Expressões da Pandemia" enquanto o sofrimento ético-político continuar a nos afetar negativamente.

Aproveitamos para agradecer por acompanharem os boletins, o que muito nos estimula.

Obrigado e boa leitura!

## APRESENTAÇÃO

Porque os afetos tristes são sempre ruins à ação política

Dia 12/04, 5º boletim, nenhuma novidade na trama afetiva da semana passada. Ela continua sendo comandada pelo medo. Não poderia ser diferente. Continuamos vivenciando o aumento da força devastadora do coronavírus, alimentada por interesses espúrios do capital e do poder, que por sua vez alimentam uma política perversa dos afetos, visando manter as pessoas na ignorância, impedindo-as de terem ideias adequadas, para sustentar a inveja, o ódio e a ganância como motivadoras da ação.

Não adiantam as recomendações e as lives para motivar a alegria. O afeto não obedece a palavras de ordem. Ele exprime a simultaneidade e a atualidade do que se passa na mente e no corpo. Por isso, o medo mantém a liderança, adquirindo novos companheiros à medida que o combate à pandemia fica mais e mais distante.

A novidade na trama afetiva são as outras emoções tristes que se aliam ao presente, além da esperança, parceira constante (o medo alimenta a esperança e a esperança nos permite viver apesar do medo): ódio, raiva, inveja e saudade.

Cada um de nós está sujeito a várias paixões contraditórias, que flutuam e se chocam, por isso, afirma Vigotski, “o psiquismo tem que ser analisado como drama”, o que é saudável.

O problema está na cristalização de uma delas [as paixões] e sua ascendência sobre as demais. Nesse caso, o afeto torna-se dominado por uma única ideia[1], como o avarento que não pensa em outra coisa senão no lucro ou como o que odeia, dominado pela obsessiva ideia de vingança.

[1] Muitas vezes enumerado como doença.

Todas as paixões que se reduzem ao ódio ou se originam dele (inveja, raiva, vingança) são más e tudo o que desejam é torpe e injusto, pois se direcionam à destruição da alegria alheia, canalizando nossa potência à fuga da morte para sobreviver em lugar da busca pela vida. O invejoso se deleita com a impotência ou o sofrimento do outro, diz Spinoza (E III, Def. 23). Outra paixão triste não derivada do ódio, mas igualmente ruim, é a melancolia ético-política, caracterizada por uma insatisfação consigo mesmo, um desejo de potência negativo, manifesto como ansiedade, depressão, suicídio ou pânico.

A saudade foi muito citada na última semana, talvez pelo Dia das Mães, quando tantas mulheres não puderam abraçar seus filhos e estes não puderam visitá-las, trazendo um questionamento aos estudiosos: por que sentimos saudades, mesmo vendo e falando com pessoas queridas por meio de uma tela, como reflete Flávia em seu texto?

Como remédio das paixões tristes, o que tem sido mais receitado desde o início da pandemia é a felicidade e o amor, ou melhor, o dever de ser feliz e de amar. Remédios, que não são novos, constituem a política afetiva do neoliberalismo, denunciada por Lipovetsky como triunfo da psicologização e da afetivação das relações, a serviço do individualismo e do consumismo. Tanto que Lipovetsky, em seu livro "Liberdade Paradoxal", ironicamente alertava em 2008 sobre o amor como uma relação com a casa, lugar onde ele passava cada vez mais tempo (15 horas em média por dia, para os dias ativos, e 20 horas para os inativos). Na pandemia, o confinamento nas casas é de 24 horas para grande parte das pessoas, o que pode acentuar esse amor pela materialidade, levando-as a investirem mais tempo e dinheiro no embelezamento da casa do que na busca de bons encontros.

Recentemente, as recomendações que mais se ouvem são: “tem que acreditar”, “vai passar”. Mas acreditar em quem e no que? Como confiar quando a novidade da semana foi a obrigatoriedade da máscara, após sua necessidade ter sido negada para camuflar o fato de que não havia quantidade suficiente delas para todos? Disseram também que testes para detecção da covid-19 são inúteis apenas para negar o fato de que também não tínhamos testes para todos.

Como ter confiança no isolamento quando o chefe da nação circula em meio a aglomerações, anda de jet ski e promete churrasco para mais de 100 pessoas? Ou quando o dinheiro já curto para a compra de respiradores é apropriado por negociatas fraudulentas, ou ainda quando os interesses do comércio se sobrepõem ao direito à vida? Agora mesmo, dia 10/05, ao finalizar este boletim, ouço uma carreata em favor da abertura do comércio.

Lembrando mais uma vez que, na perspectiva teórica deste boletim, os afetos não são estados psicológicos, mas práticas ético-políticas. Portanto, é plausível hipotetizar que no contexto de desconfiança e ideias inadequadas, a recomendação para "acreditar que tudo vai passar" nos torne dependente da "esperança de esperar", fatalista.

Spinoza ensina que não há esperança sem temor (E III, prop. 47). Assim, temos que nos tornar menos dependentes da esperança, o que significa livrar-nos do temor, buscando ideias adequadas para dirigir nossas ações ao futuro. Caso contrário, a esperança se torna fantasia distópica a criar um mundo que não tem nada de novo.

Desculpe, leitor, mas reafirmamos aqui algo já dito no boletim anterior, que a esperança/utopia é uma EMERGÊNCIA HUMANA trazida pela pandemia. A reafirmação não significa desconsiderar outras emergências humanas, remetendo a alegria ao futuro e deixando apenas sacrifícios no presente.

"Com efeito, em que é mais nobre extinguir a fome e a sede, do que afugentar a melancolia? [...] É, pois, do homem sábio, fazer uso das coisas e com elas deleitar-se (sem ir à saciedade, o que já não é mais deleitar-se [...] recrear-se pelos perfumes, pela amenidade das plantas verdejantes, pelo ornato, pela música, pelos jogos que exercitam o corpo, os espetáculos e outras coisas que todos podem usar sem dano a outrem" (E IV, prop. 45, esc. 2).

As pequenas alegrias e prazeres são importantes, mas não o suficiente para abalarem as estruturas da vida cotidiana e reordenarem nossa experiência.

É preciso entender nossos afetos sem escamoteá-los ou submetê-los ao prisma da política dos afetos e nos unir a outros para fortalecer a potência singular e coletiva para pensar, desejar, acreditar e agir por um mundo em que novos vírus não nos aprisionem, com a colaboração de pessoas das paixões tristes.

Os textos que compõem este boletim analisam formas e contextos diferentes de busca por bons encontros através da tela e dos obstáculos enfrentados.

A poesia de Elisa nos relembra a adormecida revolta que silenciosa se esconde pelas casas.

O texto de Karina apresenta o drama, a luta e a força dos coletivos da periferia para resistir às mortes impostas pela "doença de rico que mata o pobre".

O terceiro reflete sobre o riso e os memes. Rimos do que? Juliana vai buscar uma pouco lembrada reflexão spinozista, a ideia do "riso ético" como alegria pelo conhecimento no encontro com o outro, que o filósofo holandês contrapõe ao escárnio.

No quarto texto, Flávia pergunta qual a potência dos encontros vivenciados através das telas? Por que sentimos saudades mesmo vendo e falando com pessoas queridas por meio de aparelhos eletrônicos? Também nos lembra de outras formas de comunicação a distância, como as missivas que Spinoza escrevia em abundância aos amigos, bem como as sete cartas a Espinosa, escritas pela grande psiquiatra Nise da Silveira. Pinça da Carta IV uma reflexão importante: "os homens não variam muito na maneira de se comportar, o que varia é a capacidade de observá-los por dentro" (SILVEIRA, Carta IV, p. 67). Será que essa capacidade fica mais nublada com a mediação da "tela"?

O 5º boletim é finalizado com dois depoimentos. Um de Giseli, que reflete justamente questão posta por Nise: podemos observar as pessoas por dentro na avaliação on-line? A psicóloga narra suas preocupações com a elaboração dessas avaliações com crianças e adolescentes em situações judicializadas.

Questiona se as avaliações não terão menos qualidade técnica e uma menor compreensão dos conflitos existentes da situação, estando crianças e adolescentes em suas casas, muitas vezes o exato local do conflito.

O último depoimento é do indígena Tuyuka Justino Rezende. Ele nos informa que seus ancestrais sempre souberam do poder do isolamento no combate a doenças. "Com os seus sentidos apurados [...] ao ouvirem que se aproximava uma doença forte, levavam a aldeia para um lugar bem longe [...] até ela passar [...] Só que agora, que os brancos decidem isto, não tem para onde fugir".

Como mensagem final, desejamos que, além das máscaras necessárias à proteção contra o coronavírus, nossos rostos possam se iluminar com o riso ético spinozista, nos protegendo das paixões políticas tristes.

Bader B. Sawaia  
Profa. Titular da PUC-SP. Docente Permanente  
do Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Psicologia Social. Líder do NEXIN.



## Revolta

Por falar em ti, onde andas, amiga?  
Espera, há passos vindo  
Escuta, há passos atravessando as ruas  
Enxerga, as pessoas amontoadas

Os homens já correram muito  
As mulheres lutam com seus corpos  
Há homens em corpos de mulheres

Vós que sempre aglutineis corpos, muitos corpos  
Vós que tens o poder de olhares temerosos  
Vós que és esperança

Nós, que vomitamos tédio  
Nós, que agimos como crianças mimadas  
E, ora como adultos sem pais

A responsabilidade está tímida  
O presente já desencantou há tempos  
O tempo virou moeda de troca

Amiga, ainda virá nos visitar?  
Deixem a porta aberta, sacudam a poeira da chaleira  
Quando o apito tocar, nós saberemos  
Nos rebelaremos.

Pelo amor a nosotros. Nos rebelaremos!

Elisa Harumi Musha  
Trabalhadora brasileira com descendência okinawana,  
herdeira de muitas das lutas de nossas(os) antepassadas(os).  
Doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP e professora  
universitária na Faculdades Integradas de Ciências  
Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (FG) e na  
Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Boiçucanga, 20 de abril de 2020.

## ColetiVIDADEs em tempos de pandemia

Sim, o coronavírus chegou nas quebradas!

Foi num retorno de viagem da gringa, de longas horas de avião até chegar ao Brasil, que o vírus se propagou. Dos bairros de boy, a viagem prosseguiu de ônibus, metrô, trem, atravessou praças, becos e vielas, caminhadas, até chegar às periferias do Brasil. Mas, o que os moradores das periferias estão pensando sobre isso?



A doença de rico também tem deixado doente e levado à morte gente pobre. Não são só pessoas dos grupos de risco que são infectadas, que estão morrendo ou vão morrer. A covid-19 matou e continua matando crianças, jovens, homens e mulheres, idosos, pessoas brancas, negras e indígenas. Atinge a todos. Os atravessamentos de classe, raça e gênero demarcam quem deve viver e quem deve morrer, e é na periferia que o projeto de genocídio continua. Oração não imuniza e cachaça não cura, inclusive segundo o 3º Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira, divulgado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2017) o álcool é a substância mais associada, direta ou indiretamente, a danos à saúde que levam à morte.

Dias nascem, velhos ares sufocam e ocorre a falta ar pra muita gente. A falta de ar causada pela covid-19 vem somada às condições precárias de abastecimento de água, saneamento básico, coleta de lixo, habitação, urbanização, transporte público, trabalho, atenção à saúde e violência policial.

A periferia segue sangrando todos os dias. São lutos constantes e por vezes impedidos de serem vivenciados. A importância da vida de alguém preto, índio ou pobre é invalidada muito antes de morrer, já em seu nascimento. É associada ao "bandido", ao crime e ao "drogado", a um corpo sem valor. Assim, seja por mortes acarretadas por doenças que assolam as periferias, como dengue, tuberculose, anemia ou hepatite, ou mesmo mortes assassinadas, não existe o reconhecimento de que ali há uma perda a ser lamentada e chorada. A partir da covid-19, outras famílias distantes dessa realidade têm experienciado a dor, a angústia, o medo, a despedida ou sua impossibilidade, o caixão fechado, o lacre do esquife, os lutos coletivos.

Dos lutos coletivos, muito antes do coronavírus, nascem as lutas coletivas. Lutar é a palavra que acompanha a vida e também a morte, em um tempo que não se tem para perder ainda mais. Nesses caminhos mortíferos, o primeiro desafio é manter-se vivo, é manter a relação com a possibilidade de viver. É tecer uma produção de cuidados e de práticas de enfrentamentos à recusa da morte, com informação, máscaras, água, sabão, estratégias de redução de danos e o que mais seja possível.

Compartilho com vocês a experiência do coletivo que faço parte.

O "215 REC" é um coletivo político-cultural formado por sujeitos periféricos moradores da cidade de Assis/SP. A principal atividade organizada pelo coletivo é a Batalha do Velho Oeste (BVO), uma ação que engloba diversas outras, direcionada à periferia do interior paulista, sobretudo a moradores da região centro-oeste do Estado. O coletivo atua no enfrentamento ao encarceramento e genocídio de jovens por meio da interação e integração das expressões políticas e artísticas da cultura de rua.

O trabalho também é voltado a articulações de batalhas de improvisação de rimas (freestyle), apresentações de grupos de rap, break dance, DJs e beatmakers (Minuto Sample), além de artes visuais (grafite), plásticas e circenses, produção audiovisual, Slam Quilombo XXI e teatro. Como possibilidade de construir um espaço intergeracional de convivência comunitária e familiar, foi desenvolvido o "Espaço das Crianças", além de um projeto pensando na produção de cuidados em saúde e na ampliação do diálogo sobre drogas e sexualidades.

O coletivo também desenvolve o Restaurante Urbano Alternativo (RUA), que vende alimentos e bebidas para a manutenção de custos e aquecimento da economia periférica. Além disso, são realizadas formações políticas e culturais por meio de workshops, oficinas, cine-debates, rodas de conversas e distribuição de livros.

É um coletivo que se propõe a ocupar a rua, construir atividades da periferia no centro da cidade, tecer encontros políticos e culturais permeados por experimentações coletivas e fazer aglomerações das 4i20 até a hora da polícia expulsar. Com a covid-19, tudo precisou mudar e tivemos que nos reinventar a partir de outras estratégias de redução de danos no enfrentamento e para além das grades e balas.

Entendemos que não será em meses que conseguiremos garantir as pessoas nas suas casas, em isolamento, na quarentena. Até porque não existe equidade nas condições de vida e acesso a políticas públicas e emergenciais de cuidado.

Outro ponto é que as casas são os lugares onde vivem famílias numerosas, em pequenos cômodos. Nelas, temos um espaço principalmente para comer e dormir, e a rua se transpõe como espaço de convivência, encontros e criação. É o nosso quintal.

E discutindo com e para essa juventude, chegamos a alguns eixos importantes para viralizar ações de cuidado que minimizem o risco de adoecimentos e mortes.

Muitos coletivos do Brasil começaram a produzir materiais digitais de redução de danos e democratizar vídeos informativos que compartilhamos pelas redes sociais, o que permitiu um acesso mais filtrado sobre informações sérias a respeito do corona e como podemos cuidar de nós mesmos e dos nossos (<https://www.youtube.com/watch?v=U5VmreaWoEY>).

Desde a impossibilidade de isolamento, principalmente para aqueles que trancam e ainda para aqueles que estão com dificuldades de se isolar, recomendamos um "salve" na voz, e que se evitem contatos físicos e se mantenham distâncias seguras, além do uso de máscaras.

Criamos uma campanha de arrecadação de tecidos para a fabricação de máscaras estilizadas, com estampas que atraem a juventude, e estas foram distribuídas gratuitamente. Discutimos sobre o improviso da rima e da vida. Então, quem não pode comprar álcool em gel, dá pra improvisar e colocar numa garrafa água com detergente. Há a possibilidade de rotear a internet com os amigos. Damos sugestões de entretenimento em casa, além de incentivarmos à continuidade de produções artísticas voltadas ao momento que estamos vivendo.

Além disso, disponibilizamos informações sobre redução de danos e uso de substâncias psicoativas na quarentena, sobre violência doméstica e redes de apoio, e ainda divulgamos o trabalho de psicólogos que fazem atendimentos gratuitos e on-line.

A partir das conversas on-line, permeadas por falhas de conexão, entendemos a importância de lutarmos por internet gratuita a todos, bem como pela defesa e pelo fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Assim como entendemos como importante a garantia da renda básica (projeto renda mínima), da redução do preço do gás e dos alimentos e da isenção das contas de água e luz.

Enfim, por meio dos coletivos, tem sido fundamental tensionar as instâncias do poder público, que somente se importam com a economia. Ademais, em via de mão dupla, devemos continuar as ações de combate à necropolítica.

A importância das vidas está nas ações construídas pelas coletividades, que teimam em viver e fomentar projetos de sociedade que impliquem não no extermínio de pessoas, mas sim no fim das desigualdades.

Em um momento onde a falta de ar é um dos sintomas da covid-19, e estamos sem respiradores, sem testes ou vacina, somente coletivamente poderemos ganhar fôlego para os próximos dias de luta e construir estratégias para continuarmos vivos.

Como diz MV Bill, em sua música "Quarentena", "[...] uma realidade nova que se impôs, afastamento agora e abraçar depois...".

Karina Scaramboni  
Graduada em Psicologia pela UNESP/Assis e mestra em  
Psicologia Social pela PUC-SP. Produtora cultural  
e redutora de danos pelo Coletivo 215 REC.

Assis, 06 de maio de 2020.

## Em busca do riso ético perdido

Por que se multiplicam os memes durante a pandemia?

Por que rimos?

Desde o início do confinamento recebemos em nossas redes sociais chuvas de memes (imagens, vídeos e gifs) sobre o tédio; sobre a convivência em casa, o pronunciamento de políticos e celebridades, sobre o que fazer na quarentena; sobre o isolamento, os cuidados e as promessas para o pós-quarentena.

Muitas pessoas buscam o humor na desigualdade social, com ironias finas sobre pessoas que sempre tiveram empregadas domésticas, descobrindo os "encantos do trabalho doméstico" como momentos para se pensar na vida, tal como um "perrengue chique". Outras tantas o fazem explorando a tragédia.

À medida que o vírus foi se espalhando pelo mundo, algumas pessoas assustadas começaram a se manifestar em suas redes sociais, como a rapper estadunidense CardiB, que ao pronunciar o nome do vírus em sua língua "coronavairus" causou frenesi nos brasileiros e "viralizou" em um bregafunk. Ainda se ria pela contaminação da música, do conforto que ela produzia aos ouvidos, mesmo que sem sentido algum ante a triste realidade. Conforme o número de mortes aumentava, também aumentavam as diversas versões do meme do caixão "fique em casa ou dance conosco" - vídeo da cerimônia fúnebre com música eletrônica e dança, originalmente realizada na República do Gana -, como um alerta para aqueles que não respeitavam o isolamento.

Mas o hit brasileiro estreado no início da quarentena pela cantora e aspirante a BBB, Inês Brasil, nunca fez tanto sentido como nessas últimas semanas: "não tem coronavírus porque o nosso Deus tem poder contra todos os vírus". A letra soa como um mantra aos ouvidos daqueles que, com "histórico de atleta", seguem pelas ruas implorando por uma intervenção do messias para salvá-los da crise econômica.

Ao ser questionado por jornalistas sobre o aumento do número de mortos, o presidente do país, que "não é coveiro", relata que "sempre esteve preocupado com a vida, que nunca deixou de se preocupar com isso". Ele afirma que pouco importa se "alguns vão morrer, ué? E daí? É só uma gripezinha!". Desde que não sejam os cidadãos de bem que defendem a nação nas "manifestações espontâneas em frente ao palácio em prol da democracia", os demais brasileiros podem contar com os R\$ 600,00 para protegê-los do vírus.

A jornada pandêmica em nosso país é dupla: a primeira contra o vírus que nos tira o ar e, a segunda, contra outro vírus que nos tira do sério, a crise no governo. E nos convoca a rir de nossa situação. O que seria de nós, brasileiros, sem o riso em momentos tão assombrosos como esse? Spinoza, filósofo inspirador desta escrita, distingue o riso do escárnio, sendo que o primeiro "tal como a brincadeira, é pura alegria e, portanto, desde que não seja excessivo, é, por si, bom" (E IV, Prop. 45, esc. 2). Já o segundo, surge dos afetos de ódio e por isso é mau.

"O escárnio é uma alegria que surge por imaginarmos que há algo que desprezamos na coisa que odiamos" (E III, def. 11). Esse riso mau é uma paixão alegre que vem daquele que se sente impotente diante de determinadas situações e acredita que, para alegrar-se, é necessário humilhar o outro. Esse riso, carregado de preconceitos, se contenta com as lágrimas do outro, pois "quem imagina que aquilo que odeia é destruído se alegrará" (E III, prop. 20). Portanto, o riso oriundo dos afetos tristes não pode ser bom. Por estar submetido ao afeto de ódio, não permite que se alcancem ideias adequadas (ou ideias boas). Logo, é um riso solitário, que inveja e se contenta com a impotência desse outro.

O riso bom, ou riso ético, nomeado por Deleuze, é capaz de contagiar o outro por meio do afeto da alegria. Em um bom encontro com o outro, nos tornamos capazes de aumentar a potência. O riso é bom justamente por ser compreendido pelas ideias adequadas daquilo que nos afeta, pelas afecções que nos lançam para a ação em busca de perseverarmos em nossa existência. Esta é a afirmação da vida, que se alegra pela descoberta, pelo conhecimento daquilo que pode nos manter vivos e, portanto, felizes.



O riso dentre seus múltiplos aspectos evidencia os modos de vida, critica os valores de uma sociedade, desvela as nuances da desigualdade, questiona a ordem e o poder. Seu efeito é contagiante, tal como o vírus, mas, ao contrário do corona, ninguém morre de rir. É preciso estar atento sobre o que se ri, pois podemos pelo ódio paralisar na servidão, ou pela alegria nos mobilizar no contentamento com o outro.

Spinoza relembra que, para manter os corpos sob o comando de um tirano, é necessária a tristeza, pois submetidas a afetos tristes as pessoas não são capazes de agir pela sua própria razão. Pelo contrário, reagem por afecções de seus corpos, sem compreenderem suas causas. Portanto, o riso ético, vindo dos bons encontros, é uma arma potente de alegria, capaz de ser resistência diante das mazelas do poder ao desnudar o seu ridículo.

As máscaras que nos protegem nas ruas, portanto, também bloqueiam nosso riso, mas talvez os memes nos conduzam às alegrias que nossos corpos desejam em ato, mesmo que isolados.

Juliana Berezoschi  
Graduada em Psicologia pela FURB (Blumenau/SC).  
Mestra e doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP.  
É integrante do grupo de pesquisa Nexin.

São Paulo, 10 de maio de 2020.

“Até quando pudermos nos abraçar”:  
o re-encontro pós-pandemia

Nos tempos de Spinoza, as tecnologias de comunicação não se assemelhavam em nada com o que temos nos dias atuais, em que emails chegam rapidamente e conversas podem acontecer a distância, através das telas. Mesmo assim, o filósofo, na época, mantinha fluxo de correspondência com diversos pensadores e, por cartas, debatia suas ideias e fazia reflexões.

Admiradora de Spinoza, Nise da Silveira escreve sete belas missivas para o filósofo em sua obra "Cartas a Spinoza". Em um diálogo constante, reflete sobre a teoria, traz informações sobre o holandês e faz reflexões sobre a realidade brasileira. Entre seus escritos ao filósofo, a autora destaca: “[...] Os homens, em toda parte e em todos os tempos, não variam muito na maneira de se comportarem. O que varia é a capacidade de observá-los por dentro” (Silveira, Carta IV, p. 67). A partir da reflexão de Nise, fica uma questão relacionada a como observar o sujeito por dentro em um tempo de tantas telas em frente aos corpos. Quiçá em tempos pandêmicos, em que a distância entre os corpos é tão grande, como fazê-lo?

Em alguns dias, a vida de muitos foi impossibilitada do movimento e restringida para uma vida de telas - aulas mudaram para plataformas on-line, cafés com amigos nas padarias se tornaram café na casa de cada um com uma tela em frente ao rosto, conversas em bares também se transformaram para o formato on-line, sem falar do trabalho que agora é "home office". A vida como conhecíamos [antes da peste] é hoje uma vida que estamos reaprendendo a viver [em meio à peste], com diversas dicas de profissionais que assim frisam: "continue a sua rotina", "não fique de pijama o dia todo", "siga horários". São diversos ditames do que fazer e como viver em tempos de pandemia. Por sinal, duas palavras tão mencionadas nas últimas semanas, "pandemia" e "videochamada", eram um par até então desconhecido.

Com as medidas de isolamento social sendo uma das formas de combate à covid-19, algo de mais humano também foi cerceado, o encontro entre os corpos. Fomos privados da potência do encontro. Há quanto tempo que não abraçamos? Quanto tempo que não sentimos o outro?

Esse tempo não há como ser contabilizado, pois, como afirma Spinoza em sua Carta XII, tanto o tempo como o número e a medida são auxiliares da imaginação.

Para o filósofo holandês, o corpo existe como o sentimento (E II, Prop 13, Cor) e por isso cada qual sente o impacto da ausência dos encontros em sua vida, afinal esses podem aumentar ou diminuir a nossa conatus, ou seja, nossa potência (E III, Postulados). Talvez, além de tantas funcionalidades, é para expandir a nossa potência que as tecnologias têm sido tão utilizadas em tempos de pandemia. Procurando os bons encontros, estamos descobrindo diversas plataformas on-line para fazermos videochamadas com amigos e familiares. Mas qual a potência dos encontros vivenciados através das telas?

Comentando Spinoza, Marilena Chauí (1995) argumenta que nosso corpo é memorioso e imaginante. Guardamos as marcas das nossas afecções na carne e, por isso, ao nos esforçarmos para perseverar na existência podemos recordar – ato muito presente em tempos de crise sanitária. Recordamos dos amigos, recordamos das alegrias e recordamos do carinho. Recordamos!

Há memórias que de tão resistentes  
Conseguiram manter fotografado  
Uma fonte de luzes do passado  
(Zé Ramalho – Martelo dos 30 anos)

Quantos planos pós-pandemia fazemos a partir de tantas recordações em tempos de pandemia? Quantos serão os (re)encontros que planejamos ter? E, por isso, um dos afetos presentes, talvez após semanas de isolamento, seja a saudade. Esse afeto, que já foi motivo de inúmeros poemas e músicas, agora toma nossos corpos. Quem sabe as telas, nesse caso, sejam o paliativo à saudade.

Para Spinoza (E III, Def dos Afetos), a saudade é o desejo por desfrutar de algo que é intensificado pela recordação disso e, ao mesmo tempo, refreado pela recordação de outras questões que excluem a existência dessa. Parafraseando o filósofo e trazendo uma reflexão: desejamos encontrar alguém e, ao mesmo tempo, recordamos dos encontros vividos, porém o desejo é refreado pela situação da pandemia.

Apesar da função paliativa, uma pergunta surge nessa realidade: a vida on-line supera a vida encarnada? O sujeito se esforça para perseverar na existência, em qualquer momento dessa, seja em tempos de pandemia ou não, e isso está intimamente ligado ao viver bem, pois "com efeito, o desejo de viver feliz ou de viver e agir bem, etc. é a própria essência do homem, isto é, o esforço pelo qual cada um se esforça por conservar o seu ser" (E IV, Prop. 21, Dem).

Essa característica faz toda a diferença, pois em uma materialidade tão inóspita como a que estamos vivendo, de tantas incertezas e inseguranças, a potência do encontro possui uma especificidade, a saudade, que está junto ao medo e ao sopro da esperança.

Nesse caso, temos a saudade/medo, porque posso não ter mais o encontro desejado, e a saudade/esperança, porque a cada sinal de que a pandemia vai acabar concretizo a possibilidade do encontro desejado e recordado. Teremos saudade dos encontros durante o surto viral?

Nesse sentido, o encontro pós-pandemia, ou seja o (re)encontro, já está repleto de afetos alegres antes mesmo de acontecer, pois em seu (pré)encontro já está o recordar, a saudade e principalmente a potência do encontro encarnado que nos mostra que "tudo sairá bem", ou melhor, que "tudo ficou bem". O (re)encontro pós-pandemia é sinônimo de que essa realidade impossibilitadora de encontros encarnados se encerrou, que a esperança se tornou segurança (E III, Def, dos Afetos) e o recordar não é mais necessário, pois é possível vivenciar a potência dos bons encontros na carne novamente.

Retomando a reflexão de Nise da Silveira, questionamos: como olhar por dentro o sujeito da pandemia? A condição tão inóspita do isolamento nos mostra outras facetas dos sujeitos, outros "dentros" que talvez não conhecíamos até então. Os tempos mudaram. O que você fará quando a covid-19 se tornar um recordar? Quem você irá (re)encontrar? Galeano relata no "Livro dos Abraços" um reencontro após o nevoeiro da ditadura militar:

En aquella ciudad de trece millones de habitantes, el negro Emilio había llegado hasta esa esquina, por pura casualidad, o como sé llame eso, Y estaba en aquel preciso lugar en el instante preciso. Nos abrazamos bailando, y después de mucho abrazo Emilio me contó que hacía dos semanas que venía soñando que yo volvía, noche tras noche, y que ahora no lo podía creer. Y no lo creyó. Esa noche me llamó por teléfono al hotel y me preguntó si yo no era sueño o borrachera (Galeano, 2006. p. 76).

Que em breve possamos nos abraçar e dançar juntos embalados por afetos de alegria, tendo a certeza de que não é mais um sonho dos tempos da pandemia.

Flávia Roberta Busarello

Doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP, realiza período sanduíche na Universidad de Salamanca/Espanha em tempos da pandemia, com financiamento da CAPES/PDSE/2019.

Trabalha com pesquisa ação-participante e acredita em uma psicologia para a transformação social.

Salamanca, Espanha, 03 de maio de 2020.

## Os problemas da avaliação psicológica on-line em situações judicializadas

Estávamos no nosso ritmo normal de trabalho, tendo conhecimento pelos jornais de que em um lugar distante estava ocorrendo uma epidemia da covid-19, quando fomos surpreendidos pela determinação de que seriam suspensos os atendimentos à população e depois informados de que passaríamos a trabalhar em casa. Diante disso, os atendimentos presenciais a crianças, adolescentes e seus responsáveis ficaram interrompidos.

Conforme os dias vão se passando, vamos tomando a dimensão do que é estar em uma pandemia. É como se estivéssemos passando na faixa de pedestres, em uma esquina, e de repente viesse um caminhão e jogasse toda sua força em cima do nosso corpo.

Passados mais de 30 dias de isolamento social e trabalho em casa, começou-se uma discussão sobre a possibilidade de fazermos avaliações psicológicas on-line, nas lides judiciais - disputas de guarda, regulamentação de visitas, destituição do poder familiar, violência doméstica, depoimento especial, situações envolvendo idosos e pessoas com deficiência.

Diante dessa nova situação imposta pela realidade, começamos a questionar as implicações de fazermos tais avaliações em situações que envolvem a Justiça. Tarefa que não podemos nos furtar, uma vez que não podemos perder a capacidade de pensar mesmo nas situações mais dramáticas de nossas vidas, mesmo que haja um lobo, ou um vírus, à espreita na nossa porta.

Começamos a nos deparar com o fato de que não estamos preparados para tal tarefa, visto que recebemos formação científica e técnica para atendimentos presenciais, somado ao fato de que não existem estudos científicos que possam embasar avaliações psicológicas a distância em situações judicializadas. Nosso Código de Ética alerta para assumirmos funções às quais estejamos preparados pessoal, teórica e tecnicamente.

Importante refletirmos que as avaliações on-line terão menos qualidade técnica e menor compreensão dos conflitos existentes da situação em questão. Então elas podem reduzir direitos de seus avaliados, pois uma avaliação pode induzir a quem for tomar a decisão nos processos judiciais ao erro. E isso prejudicará e poderá colocar os envolvidos em risco.

Do ponto de vista do direito da criança e do adolescente, não é o esperado que estes fiquem sem uma avaliação psicológica nos processos judiciais. Entretanto, crianças e adolescentes têm o direito de serem ouvidos em ambientes protegidos, sem interferências. Mas como garantir isso estando a criança e o adolescente em suas casas, muitas vezes o local do conflito?

Outra problemática é a falta de acesso da população atendida aos meios tecnológicos de comunicação. Muitos não dispõem de celular, computador, internet ou, ainda, um lugar protegido de interferências em sua casa para que possam conversar com um técnico que fará a avaliação a qual, possivelmente, interferirá nos rumos de suas vidas. A pandemia desvela a desigualdade social e tecnológica que assola nosso país.

Sabemos que avaliações psicológicas em ações judiciais trazem sofrimento emocional para crianças e adolescentes, uma vez que os colocam em contato com uma situação difícil vivenciada com suas famílias. Além de medo, há a insegurança do que virá como resultado da avaliação. Assim, avaliar indivíduos em uma situação de pandemia seria um estressor a mais em um momento em que também estão com medo, por suas vidas e de seus familiares. Diante disso, a avaliação não contribuirá para aliviar o sofrimento, mas fragilizará ainda mais essas pessoas. Isso somado ao fato que, em uma avaliação on-line, teríamos menos instrumentos para acolher e contribuir para que os avaliados signifiquem o que estão vivendo.

Outro fator que fragiliza a avaliação psicológica nesse contexto é que serviços de atendimento a crianças, adolescentes e familiares, que formam a rede de proteção, não funcionam com igual regularidade, visto que o cenário sanitário impõem restrições.

Por trás de um pedido para que façamos avaliação psicológica on-line nas questões relacionadas à Justiça, há a preocupação da proteção de crianças e adolescentes. Mas também não podemos nos furtar de pensar nesse momento histórico e cultural de imediatismo e fragilização das condições de trabalho. Assim, o atendimento on-line é consequência de uma necessidade premente que a avaliação psicológica, por lidar com subjetividades, não responde. Caso ela seja forçada a acontecer, pode causar mais danos do que benefícios à população atendida, que já se encontra fragilizada nesse momento.

Enfim, é preciso buscar ideias adequadas, como salientou Spinoza, e não se furtar de pensar que é uma capacidade humana a que pode estar arrefecida no momento, principalmente quando nos deparamos com o fato de que o mundo que tínhamos deixou de existir.

Guimarães Rosa, na fala de Augusto Matraga, nos ensina que "a vida é um dia de capina com sol quente". Mas não se engane. No Brasil da desigualdade social esse sol é mais forte para alguns e, em tempos de covid-19, a classe social passa a definir quem vive e morre.

Giseli F. Assoni  
Mestranda no Programa de Psicologia Social da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Psicóloga  
e trabalhadora da área jurídica.

Limeira, 09 de maio de 2015.



## Coronavírus me faz lembrar!

Eu nasci distante da cidade, no onça-igarapé.

O meu pai, quando ouvia dizer que estava se aproximando uma doença forte, nos levava para um lugar mais isolado ainda. Lá passávamos o tempo necessário para que chegasse até nós outra notícia: "já passou a doença".

Não tínhamos médicos, enfermeiros ou enfermeiras para cuidar de nossa saúde.

Mas estávamos acompanhados, no dia a dia, por nossos avós sábios, que faziam suas cerimônias de proteção utilizando o breu branco, que servia para a defumação do ambiente, das pessoas e dos outros seres de estimação.

Diariamente, um grupo de sábios fumando os seus cigarros conversava sobre o que tinha visto em seus sonhos. Eles diziam que a fórmula de proteção havia sido criada em suas meditações noturnas. Cada sábio apresentava alguma solução.

Com os seus sentidos apurados, desviavam a rota das doenças para que não chegassem até nós. Com as forças cerimoniais, inutilizavam a agressividade dos seres das doenças.

Imaginando que eles [os males] tivessem dentes, quebravam seus dentes para não nos morderem e transmitirem as doenças.

Imaginando que poderiam transmitir as doenças lambendo-nos, arrancavam suas línguas. Imaginando que poderiam transmitir as doenças pelo olhar, eles cegavam os olhos desses seres das doenças.

Por outra parte, transformavam o ser humano, o ambiente e os seres de estimação em corpos resistentes, incandescentes, explosivos, que davam choques; que transformavam nossos corpos em corpos quentes, amargos, travosos, azedos e duros.

Criavam cercas com os mesmos efeitos para a nossa proteção.

Guardavam nossas vidas dentro das luzes do sol, nas nuvens.

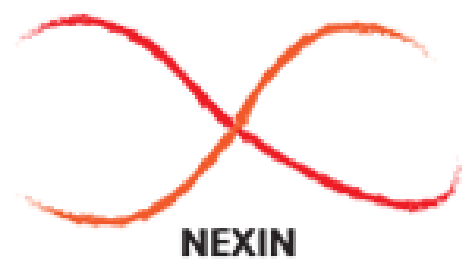
O tempo atual, com os seus vírus atuais, com os nomes próprios das doenças, me faz voltar ao passado e relembrar as sabedorias dos meus avós, que ajudavam a defender a vida.

Me fez lembrar das técnicas de defesa que ensinavam. Fugir do inimigo, não se expor e retirar-se para um lugar considerado seguro até a doença passar.

Justino Rezende

Indígena da etnia Tuyuka. Reside em Santa Isabel do Rio Negro/AM.  
Doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/Ufam. Pesquisador do  
Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI).

Alto Rio Negro/AM, 22 de Março de 2020.



**NEXIN**